

## **ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL NAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DA FAMÍLIA (UBSFs) DE CAMPINA GRANDE/PB: relato de uma experiência extensionista**

Lucia Maria Patriota <sup>1</sup>  
Vania Maria Oliveira Farias <sup>2</sup>  
Michele Peres de Oliveira <sup>3</sup>  
Cleomar Jamyson da Silva Melo <sup>4</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta o relato da experiência desenvolvida através do Projeto de Extensão intitulado “Promoção da Saúde e Envelhecimento Saudável nas Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSFs) de Campina Grande/PB” cujo objetivo é desenvolver atividades socioeducativas que contribuam para a afirmação dos direitos dos idosos, incentive a participação e socialização dos mesmos. O projeto está vinculado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba/PROBEX/Cota 2019. Adotamos uma metodologia dinâmica, colaborativa e dialógica. Para tanto, vimos trabalhando com oficinas temáticas, dinâmicas de grupo, rodas de conversa, tendo como enfoque principal a sensibilização para a problemática do envelhecimento. O projeto está em andamento e, durante o período de março a maio de 2019, foram realizadas três oficinas abordando o processo de envelhecimento nas UBSFs do Rocha Cavalcante, Cinza e Verdejante. Os trabalhos têm possibilitado a compreensão do envelhecimento para além de sua dimensão demográfica e biológica, têm contribuído para desconstrução da concepção de velhice como período de perdas e doenças, além de fortalecer o estabelecimento e ampliação de vínculos entre os idosos e entre os idosos e a equipe de saúde.

**Palavras-chave:** Envelhecimento, Saúde, Promoção da Saúde, UBSF.

### **INTRODUÇÃO**

O envelhecimento representa uma inegável conquista da humanidade e ao mesmo tempo um grande desafio, tendo em vista que viver mais não significa necessariamente viver melhor. O prolongamento da vida é, sem dúvida, uma aspiração de qualquer sociedade. No entanto, só pode ser considerado como uma real conquista na medida em que se agregue qualidade aos anos adicionais de vida.

A mudança no perfil etário da população nos coloca diante de uma realidade que tem demandado respostas concretas da família, da sociedade em geral e do Estado, obrigado a

---

<sup>1</sup>Docente da Universidade Estadual da Paraíba, [luciapatriota@yahoo.com.br](mailto:luciapatriota@yahoo.com.br);

<sup>2</sup>Assistente Social da Estratégia Saúde da Família de Campina Grande/PB, [vmofas@hotmail.com](mailto:vmofas@hotmail.com);

<sup>3</sup>Discente do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba, [micellepdoliveira@gmail.com](mailto:micellepdoliveira@gmail.com);

<sup>4</sup>Discente do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba, [cleomarsocial@gmail.com](mailto:cleomarsocial@gmail.com), (83) 3322.3222

atender a um público numeroso, com necessidades específicas e complexas. De acordo com Faleiros (2014) é preciso olhar a complexidade desse campo e suas múltiplas determinações nas relações com a demografia, com as perdas biológicas, de funcionalidade e sociais, no processo de trabalho, de trocas em diversos âmbitos (família, amigos, gerações, cultura) e de estilos de vida.

A ocorrência de problemas sociais cujas causas não são individuais e atingem um coletivo de pessoas idosas, a exemplo da violência contra o idoso e da vulnerabilidade social a que estão expostos parte dos usuários idosos das UBSFs, nos motivaram a elaborar o Projeto de Extensão intitulado “Promoção da Saúde e Envelhecimento Saudável nas Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSFs) de Campina Grande/PB” cujo objetivo geral é desenvolver atividades socioeducativas que contribuam para a afirmação dos direitos dos idosos, incentive a participação e socialização dos mesmos e para o processo de envelhecimento saudável nos Grupos de Idosos das UBSFs de Campina Grande.

A relevância social do projeto, cuja execução é aqui apresentada, está na possibilidade de oportunizarmos momentos de construção e troca de saberes, de fortalecimento do protagonismo político de cada um idoso, ressaltando a lógica do direito à saúde, o direito a um envelhecimento saudável, primando pela integralidade do atendimento e, assim, contribuir para o fortalecimento, a expansão e qualificação do cuidado com a população idosa nas UBSFs.

Há ainda de se considerar a relevância acadêmica do projeto ao oportunizar aos estudantes de serviço social a inserção, de forma contextualizada, na realidade dos serviços de saúde e na questão do envelhecimento, especificamente. As UBSFs constituem-se em espaços privilegiados para a atenção integral à saúde do idoso.

Para operacionalização das ações propostas no projeto adotamos uma metodologia dinâmica, colaborativa e dialógica. Dessa forma, vimos trabalhando com oficinas temáticas, dinâmicas de grupo, rodas de conversa, tendo como enfoque principal a sensibilização para a problemática do envelhecimento. O projeto está em andamento e, durante o período de março a maio de 2019, foram realizadas três oficinas abordando o processo de envelhecimento nas UBSFs do Rocha Cavalcante, Cinza e Verdejante.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO**

O envelhecimento populacional é hoje um fenômeno universal, característico tanto dos países desenvolvidos como, de modo crescente, dos países em desenvolvimento. O que no

passado era privilégio de alguns poucos passou a ser uma experiência de um número crescente de pessoas em todo o mundo. Envelhecer no final deste século já não é proeza reservada a uma pequena parcela da população (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987).

Do ponto de vista demográfico e individual, o envelhecimento é definido pelo número de anos vividos. Assim, são considerados idosos aqueles que alcançaram 60 anos de idade (BRASIL, 2013).

Biologicamente o envelhecimento é definido como um processo de mudanças genéticas que se evidenciam pela diminuição da plasticidade comportamental, aumento de vulnerabilidades, acúmulo de perdas evolutivas, enfim, pelo declínio físico/fisiológico. (NERI, 2001 apud TEIXEIRA, 2017).

Na visão da gerontologia social a velhice é entendida, não como fase terminal da vida, ou como um segmento isolado, mas como um processo e resultado da vida individual e social e de suas desigualdades nas relações e práticas estruturadas no processo de correlação de forças (FALEIROS, 2014).

Em princípio definido pelo aspecto biológico e como um fenômeno natural, marcado por perdas/reduções funcionais do organismo, o fato é que o envelhecimento compreende um fenômeno biopsicossocial (TEIXEIRA, 2017). Para a referida autora, paralelo a evolução cronológica e ao declínio biológico coexistem fenômenos de natureza biopsíquico, social e econômico que levam a distintas formas de envelhecimento. Isso implica dizer que não existe uma velhice, mas velhices.

Nesse sentido, conforme Faleiros (2014), processa-se uma desconstrução das categorias “velhice, envelhecimento, longevidade” como categorias homogêneas, considerando-se a desigualdade, a heterogeneidade e a diversidade social, cultural, biológica e psicológica que marcam este complexo fenômeno.

No Brasil, durante algum tempo, alimentou-se o conceito de país jovem, enquanto, a partir de 1960, com o declínio da taxa de fecundidade, as projeções começaram a apontar para o crescimento da população idosa. Em 2011 havia 23,5 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, passando de 9,0% em 2001 para 12,1% em 2011, aumento de 34,4%. É de se ressaltar que o grupo com 80 anos ou mais chegou, em 2011, a 1,7% da população, com

aproximadamente 3.319.000 de pessoas. No total da população idosa, 55,7% são mulheres, 84,1% vivem nas cidades, sendo pessoa de referência<sup>5</sup> em 63,7% dos domicílios. (IBGE, 2012).

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) prevê para o grupo de idosos de 60 anos ou mais de idade, um aumento na participação relativa da população de 13,8% em 2020, para 33,7% em 2060, com a população idosa superando o grupo de crianças com até 14 anos de idade após 2030 (FALEIROS, 2017).

De acordo com dados da PNAD Contínua – Características dos Moradores e Domicílios, divulgada pelo IBGE no corrente ano, a população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017, o que representa um crescimento de 18% desse grupo etário. As mulheres são maioria expressiva, com 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos são 13,3 milhões (44% do grupo). (IBGE, 2018).

Sem dúvida, um dos maiores feitos da humanidade foi a ampliação do tempo de vida, que se fez acompanhar de uma melhora substancial dos parâmetros de saúde das populações, ainda que estas conquistas estejam longe de se distribuir de forma equitativa nos diferentes países e contextos socioeconômicos. Esta conquista maior do século XX se transforma, no entanto, em um grande desafio. O envelhecimento da população é uma aspiração natural de qualquer sociedade, mas não basta por si só (LIMA-COSTA; VERAS, 2003).

O prolongamento da vida só pode ser considerado como uma real conquista na medida em que se agregue qualidade aos anos adicionais de vida. Entretanto, cotidianamente, os idosos brasileiros convivem com medo de violências, falta de assistência médica e de hospitais e escassas atividades de lazer, além de angústias com os baixos valores das aposentadorias e pensões.

Entre os mecanismos legais de proteção ao idoso destacamos aqui a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI). A PNSPI, de 1999 e atualizada em 2006, ressalta como uma de suas diretrizes, a promoção do envelhecimento ativo e saudável, possibilitando a manutenção da capacidade funcional e autonomia do idoso. As ações propostas incluem a facilitação da participação, pelos idosos, em grupos de lazer e terceira idade, implantação de avaliações individuais e coletivas que possibilitem determinar o risco funcional dos idosos, entre outras.

---

<sup>5</sup> De acordo com o IBGE o conceito de pessoa de referência diz respeito ao responsável pela família ou que assim fosse considerada pelos demais membros da família.

Há ainda que se destacar o Decreto nº 8.114/2013, que estabelece o Compromisso Nacional para o Envelhecimento Ativo e que tem como finalidades propor a criação de ambientes propícios para a sua efetivação, incentivo ao apoio da família e a convivência comunitária e intergeracional, seguindo os eixos da emancipação e protagonismo, promoção e defesa dos direitos, informação e formação.

A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), seguindo as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), aponta a Atenção Básica (AB) como a porta de entrada para a atenção à saúde do idoso. A AB é o contato preferencial dos usuários com o sistema de saúde. Orienta-se pelos princípios da universalidade, da acessibilidade e da coordenação do cuidado, do vínculo e continuidade, da integralidade, da responsabilização, da humanização, da equidade e da participação social. Na Atenção Básica espera-se oferecer à pessoa idosa e à sua rede de suporte social, incluindo familiares e cuidadores (quando existente), uma atenção humanizada com orientação, acompanhamento e apoio domiciliar, com respeito às culturas locais, às diversidades do envelhecer (BRASIL, 2006).

Desde 1994, o Ministério da Saúde adotou a Estratégia Saúde da Família (ESF) como uma estratégia prioritária para a organização da AB e estruturação do sistema de saúde. Esta trabalha com práticas interdisciplinares desenvolvidas por equipes que se responsabilizam pela saúde da população a ela adscrita e na perspectiva de uma atenção integral humanizada, considerando a realidade local e valorizando as diferentes necessidades dos grupos populacionais. No cotidiano das equipes de saúde nas Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSFs), as ações coletivas e/ou os trabalhos em grupo são alguns dos recursos indispensáveis para atuação nas dimensões cultural e social, configurando-se em importantes espaços educativos para a promoção de saúde do idoso.

## **OS GRUPOS DE IDOSOS E SUA IMPORTANCIA NO CONTEXTO DAS UBSFs**

Inicialmente destacamos a importância das atividades em grupo enquanto espaços socioeducativos fundamentais para a promoção da saúde e desenvolvimento humano, além de se afirmar a atividade educativa enquanto primordial na apropriação de novas formas da pessoa idosa relacionar-se consigo mesma, com os outros e com o mundo.

Um grupo - seja ele de idosos ou não - é sempre constituído a partir de interesses e temas em comum. É um espaço possível e privilegiado de rede de apoio e um meio para discussão das situações comuns vivenciadas no dia-a-dia. Permite descobrir potencialidades e trabalhar a

vulnerabilidade e, conseqüentemente, eleva a autoestima. O trabalho em grupos possibilita a ampliação do vínculo entre equipe e pessoa idosa, sendo um espaço complementar da consulta individual, de troca de informações, de oferecimento de orientação e de educação em saúde (BRASIL, 2006).

No geral, os grupos de idosos nas UBSF têm por objetivos promover a saúde, fortalecer o vínculo com a equipe, estabelecer trocas de experiências e integração entre as pessoas da comunidade, proporcionar mudança de rotina, o lazer e a socialização.

O fato é que o envelhecimento rápido da população brasileira traz profundas conseqüências na estruturação das redes de atenção à saúde. A própria portaria que institui a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa considera que o conceito de saúde para o idoso se traduz mais pela sua condição de autonomia e independência que pela presença ou ausência de doença orgânica, além de que é função das políticas de saúde contribuir para que mais pessoas alcancem as idades avançadas com o melhor estado de saúde possível. O envelhecimento ativo e saudável é o grande objetivo nesse processo (BRASIL, 2006).

Os grupos representam tanto um espaço de educação em saúde, entendida a partir de uma visão de educação como processo participativo de afirmação de sujeitos e construção de cidadania, como uma fonte de estímulo à organização local, pois facilitam o exercício da cidadania, através de projetos comunitários. Constituem-se em alternativa para que as pessoas retomem papéis sociais e/ou outras atividades de ocupação do tempo livre (físicas, de lazer, culturais ou de cuidado com o corpo e a mente) e o relacionamento interpessoal e social. Esses espaços agregam pessoas com dificuldades semelhantes e possibilitam o convívio, fato de grande importância, visto que a solidão é uma queixa frequente entre idosos.

Vários autores, como Debert (1996) e Lobato (2004) tem afirmado que os grupos de idosos operam mudanças em seus participantes quanto ao resgate da auto-estima, superação de doenças, recuperação da memória, além de propiciar novos conhecimentos e desenvolvimento da sociabilidade. Fazer parte de uma sociedade implica estar em contato com pessoas e grupos sociais diversos, de várias gerações, com valores e ideias diferentes, mas sempre buscando estabelecer uma rede de relações que possibilitem participar da vida social.

Lobato (2004) considera que as atividades em grupo de idosos são importantes por proporcionarem aprendizado e capacitação para que os idosos cuidem de sua própria saúde, estimulando o desejo de associação e ao mesmo aprendam a respeitar e a ouvir o outro e a si mesmo, encontrando alternativas para os problemas discutidos com seus pares.

No caso específico do serviço social, Goldman (2005) assevera que o assistente social deve atuar, sempre que possível, com os demais profissionais, numa ação interdisciplinar que congregue esforços no seu fazer cotidiano e na aliança de parceiros para a consolidação dos direitos dos idosos, principalmente os da seguridade social que envolve saúde, previdência e assistência social. São importantes também ações profissionais na esfera da educação, não só para os idosos, mas para todas as gerações, para que aprendam a conhecer e a respeitar os idosos, para que estabeleçam laços sociais de intercâmbio intergeracionais e para que se preparem para a velhice.

Tal assertiva só vem reiterar a importância do trabalho aqui apresentado no processo de formação de estudantes de serviço social, possibilitando a rica experiência destes com a prática extensionista e com a questão do envelhecimento, demanda presente nos mais diferentes espaços sócio-ocupacionais dos assistentes sociais.

## **RELATO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NAS UBSFs**

Conforme já mencionado anteriormente, a experiência aqui apresentada está vinculada ao projeto de extensão intitulado “Promoção da Saúde e Envelhecimento Saudável nas Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSFs) de Campina Grande/PB” que tem por objetivo geral desenvolver atividades socioeducativas que contribuam para a afirmação dos direitos dos idosos, incentive a participação e socialização dos mesmos e como objetivos específicos oportunizar aos idosos um espaço permanente de troca de experiências e saberes; abordar junto aos Grupos questões relacionadas ao processo de envelhecimento enfocando aspectos biopsicossociais; propiciar aos idosos a socialização de informações sobre seus direitos; contribuir para o fortalecimento dos Grupos como um espaço permanente de socialização dos idosos das UBSFs; e promover ações socioculturais junto aos Grupos.

O projeto está vinculado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba/PROBEX/Cota 2019 e conta com a participação de três professoras do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba, quatro alunos do curso de Serviço Social e uma assistente social vinculada à Secretaria Municipal de Saúde.

Adotamos para execução desse projeto uma metodologia participativa, dinâmica e dialógica. Compreendemos que uma metodologia participativa permite um contato mais próximo entre os vários atores envolvidos no processo educativo, possibilita um rico aprendizado, respeitando a autonomia e valorizando a criatividade dos sujeitos. Nesse sentido

recorremos ao referencial da educação em saúde que segundo Vasconcelos (2004) compreende um instrumento de construção da ação de saúde mais integral e mais adequada à vida da população.

Para tanto buscamos trabalhar com oficinas temáticas, mostra de vídeos, dinâmicas de grupo, debates, reflexões e palestras nas referidas UBSFs, tendo como enfoque principal a sensibilização para a problemática do envelhecimento, além de outras questões relacionadas ao idoso, como a questão da violência contra o idoso, os direitos dos idosos, a rede de proteção social ao idoso.

As atividades do projeto estão sendo executadas nas UBSFs do Rocha Cavalcante, do Cinza e do Verdejante, bairros da periferia de Campina Grande, e tem como público prioritário idosos usuários dos serviços oferecidos pelas Unidades Básicas de Saúde e os Grupos de Idosos das referidas unidades.

No período de abril a maio do corrente ano desenvolvemos três oficinas nas quais abordamos a temática: “Identificando e refletindo sobre mitos e tabus existentes em torno do envelhecimento”. Tal atividade teve por objetivos evidenciar a velhice como uma conquista da humanidade e contribuir com reflexões que possam desmistificar a velhice como um período de perdas e doenças.

Definida a programação, datas e locais, partimos para a divulgação das atividades. Esta foi feita nas unidades de saúde durante os atendimentos cotidianos, salas de espera e nos territórios correspondentes com o apoio dos Agentes Comunitários de Saúde que divulgaram a programação durante suas visitas domiciliares. Também foram confeccionados convites impressos e afixado cartaz nas unidades.

As atividades foram iniciadas com a apresentação de cada idoso presente. Em seguida foi apresentado ao grupo o projeto de extensão, bem como a periodicidade das atividades e a equipe que o compõe. Dando sequência, procedemos com a reprodução da música do grande compositor Adoniran Barboza, Envelhecer é uma arte. A reflexão em torno da letra da referida música nos permitiu evidenciar que mesmo sendo o envelhecer um processo marcado por mudanças de natureza física, emocional e social, ele também nos traz ganhos. Esse fato foi, inclusive, bastante destacado nas falas dos idosos presentes. Alguns foram incisivos ao afirmar que vivem seu melhor momento, que o envelhecimento lhes trouxe muito amadurecimento e o acúmulo de experiências de vida.

Nesse processo de troca de experiências e conhecimento, alguns idosos referem o fato de que sentem no seu cotidiano que a sociedade, de forma geral, não se encontra preparada para viver e conviver com o idoso.

De fato, parece se reproduzir na sociedade dois extremos no que diz respeito a velhice. Uma leitura que tende a desvalorizar a figura do velho, a exemplo das mais clássicas fábulas infantis, nas quais as bruxas e as madrastas, sempre são representadas por velhinhas feias e malvadas ou a leitura que romantiza e/ou infantiliza a velhice, negando ou limitando ao idoso a sua autonomia.

Essa romantização da velhice, na sociedade capitalista, passa inclusive pela recusa/negação da palavra velho. O velho é tido como algo imprestável, que está em desuso ou que estaria próximo de se acabar, e isso acarreta para a velhice certa negatividade, resultando em má aceitação da utilização do termo e o que a ele se associa, chegando a ser até mesmo um insulto, ou seja, nega-se a sua própria condição humana, uma vez que envelhecer diz respeito a todos nós. Isso evidenciou-se nas falas de vários participantes que fizeram questão de ressaltar que “eu não sou velho, velho é a estrada”.

Entendemos que a adoção de termos os mais variados para se referir ao idoso precisa ser objeto de reflexão. Como nos afirma Neri:

Eu costumo dizer que estas expressões [melhor idade, idade de ouro etc.] são eufemismos. O velho precisa assumir sua condição e não se envergonhar da sua velhice. E as pessoas, de um modo geral, precisam respeitar esse fato. Velho é velho, idoso, e ponto final. Chamar de “senhor/senhora da terceira idade” não vai mudar essa condição. O velho precisa ser respeitado. A sociedade precisa desenvolver estruturas que garantam um envelhecimento sadio. (NERI, 2002 apud BENEDITO, 2017, p. 224)

No segundo momento das oficinas realizadas abrimos espaço para que cada participante compartilhasse a sua vivência/experiência em envelhecer, destacando pontos negativos e positivos da velhice.

Identificamos que para alguns, esse processo é marcado pelo surgimento de doenças, desrespeito, abandono, solidão, discriminação e limitação de direitos. Por outro lado, alguns idosos, destacaram que a velhice representa um período da vida em que adquiriram mais maturidade, experiência e com isso assumiram o protagonismo de suas vidas. Aliás, cabe aqui destacar que nos discursos dos idosos participantes das oficinas, de forma muito enfática, existe uma necessidade permanente da incorporação da autonomia e do seu próprio protagonismo. Isso aponta para a necessária reflexão de nossos processos de trabalho junto a esse segmento.

É preciso ter cuidado para não se tutelar o idoso. Como nos assevera Lobato (2004), trabalhar numa perspectiva de garantir a autonomia do idoso significa fortalecê-lo e instrumentalizá-lo em suas lutas por participação, cidadania e justiça social.

Após a conclusão das falas dos idosos presentes, que foram todas colocadas em um mural, partimos para a reflexão de tudo que foi posto pelo grupo. Nesse momento foi mais uma vez enfatizado que envelhecer não significa somente perdas, mas, sobretudo, mudanças e estas impactam de forma particular cada pessoa. Ressaltamos junto aos mesmos que não podemos homogeneizar o envelhecimento e a velhice.

Em relação aos aspectos apontados como negativos, verificamos que muitos deles são questões totalmente possíveis de serem modificados, melhorados, a exemplo do desrespeito, da discriminação, da violência, a limitação de direitos. Procuramos levantar questionamentos a respeito de como tais questões poderiam ser enfrentadas e os idosos participaram avidamente das reflexões apontando para a necessidade de mais investimentos na educação, na saúde, nas condições de vida da população.

Por fim, procedemos a síntese das reflexões elaboradas e a um momento de socialização/confraternização entre os presentes, sendo esse momento marcado por conversas paralelas entre os participantes que já se mostravam ansiosos pelos próximos encontros, indagando-nos sobre quando este seria.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Avaliamos de forma muito positiva as atividades até aqui desenvolvidas. Alcançamos nossos objetivos tanto no que desrespeito a participação dos idosos, como em relação as várias reflexões que foram levantadas no e pelo grupo.

O presente projeto de extensão tem se configurado em uma importante estratégia no sentido de aproximar a academia dos serviços, chamando a atenção para a importância de se discutir o processo de envelhecimento e ainda dando suporte teórico e metodológico na abordagem da temática para a instituição, como afirma Lobato (2014, p. 151):

A nosso ver as atividades de assessoria, desenvolvidas pelo assistente social ou por docentes das unidades de ensino de serviço social, por meio de ações extensionistas, podem contribuir para a capacitação nas questões do envelhecimento, que envolvam a garantia de direitos dos idosos, buscando qualificar a ação de profissionais dos programas de saúde do idoso.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas e aqui relatadas dão uma enorme contribuição para as discussões em torno da questão do envelhecimento, fomentando a construção de uma contracultura em relação a velhice e visando o bem-estar desses idosos, numa perspectiva de emancipação e reconhecimento de seus direitos.

No que se refere as contribuições para o processo de formação dos discentes envolvidos no projeto, não temos dúvida de que esta é uma experiência ímpar, uma vivência transformadora em relação ao processo de envelhecimento e as formas de abordagens do fenômeno no exercício profissional. A prática extensionista permite ao aluno dar concretude ao compromisso social da universidade e ao seu futuro profissional com a sociedade, possibilitando ao estudante a vivência de experiências significativas que lhe deem condições de refletir acerca das grandes questões do mundo atual, entre elas o envelhecimento populacional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

\_\_\_\_\_. **Legislação sobre o idoso**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2013.

BENEDITO, J. de C. Melhor idade para que? As novas terminologias para designação da velhice. In: TEIXEIRA, S. M. (Org). **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel Social, 2017.

DEBERT, G. G. **As representações do papel do idoso na sociedade**. In: Anais do 1º Seminário Internacional sobre Envelhecimento. Brasília, 1996.

FALEIROS, V. de P. Envelhecimento no Brasil do Século XXI: transições e desafios. In: **Revista Argumentum**, v. 6, n. 1, p. 6-21, jan./jun. 2014.

FALEIROS, V. de P. Prefácio. In: TEIXEIRA, S. M. (Org). **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel Social, 2017.

GOLDMAN, S. N. Envelhecimento e ação profissional do Assistente social. In: **Caderno especial nº 08**. Rio de Janeiro, Brasil, 2005.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

\_\_\_\_\_. Agência de notícias do IBGE. PNAD Contínua - Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Editoria: [Estatísticas Sociais](#), 26/04/2018.

KALACHE, A.; VERAS R.; RAMOS R. Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira. In: **Revista de Saúde Pública**, v. 21, 1987.

LIMA-COSTA, A.; VERAS, R. Saúde pública e envelhecimento. In: **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, n. 3, 2003.

LOBATO, A. T. G. L. Considerações sobre o trabalho do assistente social com idosos. In: BRAVO, M. I. S. et al. **Saúde e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOBATO, A. T. G., Envelhecimento e políticas sociais: possibilidades de trabalho do assistente social na área de saúde do idoso. In: DUARTE, M. J. DE OLIVEIRA; ALMEIDA, C. C. L.; MONNERAT, G. L.; SOUZA, R. G., (Org.) **Política de Saúde hoje: interfaces & desafios no trabalho de assistentes sociais**. Campinas-SP: Papel Social, 2014.

TEIXEIRA, S. M. (Org). **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel Social, 2017.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular: de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de Gestão Participativa das Políticas de Saúde. In: **PHYSIS. Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 14, 2004.